A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 22 (112) — 12-8-923

Redactor principal:
António Teixeira

Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO

OORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A política fascista

resume-se numa piramidal cozinha, num
descomunal caldeirão, numa mesa mais
prolongada, num trinchante de dois metros;
emfim: na pança desmedidamente alargada

Quem estiver com o ouvido cuidadosamente colado na engelhada carcassa nacional, não poderá deixar de ouvir uns estranhos ruidos que nos causam funda impressão.

¿ Não sabem o que é? São as víboras que se agitam por entre as selvas da crueldade e que se preparam, pela violência da sua mordedura, para nos inocular o seu veneno; são os corvos que crocitam nos seus ninhos e se dispõem, em cruzada funérea, a vir depenicar os despojos cadavéricos dum povo assassinado pela malandrada que se quer apossar do país; são os chacais, os rinocerontes, os tigres, os crocodilos, que no matagal das suas selvajarias calculam o salto feroz que lhes há-de dar a impulsão necessária para se atirarem sobre este inadvertido viandante: o operário que não tem a nítida percepção do perigo, que não se acautela, que não se arma, que não se entrincheira para disparar sobre a multidão da mais variada fauna de achimpanzadas fúrias.

Tôdo esse conjunto de feras que ameaçam andar à solta, a perturbar a tranqüillidade das gentes, constitui esta elefantina tromba: a Reacção fascista...

A Reacção é uma fenomenal e trágica mandíbula, guarnecida de terríveis dentes ponteagudos e prontos a triturarem o produtor esburgado. Insaciável na sua gula, sempre de fauces hiantes para engulir a turba explorada das fábricas e oficinas, dos ateliers e dos campos, das minas e dos andaimos, a Reacção, o Fascismo, que range, que uiva, que grunhe já aterradoramente, tenciona pôr em prática esta

sua principal política: fazer de Portugal, à beira-mar manietado, prostituído, exangue, uma piramidal cozinha, um descomunal caldeirão, onde possa fazer o rancho das suas licenciocidades, das suas protérvias, dos seus crimes, dos seus roubos, das suas infâmias.

A política económica reaccionária cifra-se neste: na Pança desmedidamente alargada e à feição de digerir tôdas as riquezas propulsionadas pelos escravos pontapeteados pela biqueira do jesuíta e senhor...

A finalidade social e económica do conservador fascista é a prolongação, de norte a sul, de leste a oeste, da lauta mesa posta, que é a *táboa-negra* que serve de plataforma às alianças interesseiras entre tôdos os convivas políticos da burguesia republicana e conservadora.

O ultramontano, o clerical, o bandido fascista, querem comer sós e à vontade, atapulhar à farta o estômago, regá-lo também à farta, arrotar em ruidos de trovão, para que os famintos se aterrorizem com a pantagruélice desvairada.

Tôda a filosofia fascista, tôda a sua doutrina, tôdo o seu direito está num trinchante do tamanho de dois metros; tôda a sua moral, tôda a sua lei está na bodeguice impressa num guardanapo como um lençol, para que as pedrarias dos seus peitos espelhantes não sofram as nódoas, as borradas das gorduras caídas dos seus beiços besuntados; tôda a religião, tôda a crença, tôdo o sentimento de justiça pressentem-se no exclusivo e permanente refocilar dos suínos da Reacção...

¿ Quem é o intruso, o petu-

lante, que quer, fincado na lógica natural, na razão de ser do direito que lhe dá a sua condição de produtor, sentar-se também à mesa a compartilhar do alimento comum e a empunhar o seu talher de existência livre que a Natureza, ubérrima, lhe aconselha?

Linchai-o...

¿ Quem são os atrevidos que se reúnem em determinada colectividade para discutirem sobre a legitimidade do nosso património, do nosso privilégio, dos nossos luxos, das nossas iguarias, dos nossos prazeres — dos nossos pergaminhos, da nossa gerarquia, da nossa autoridade emanada de Deus?

Massacrai-os e lançai o fogo à sua associação e aos seus livros que falam da verdadeira Verdade...

¿ Quem são os miseráveis que nos querem atirar a mesa por terra, baseando-se que nós não trabalhamos e só gosamos nos *chics* alcoices das hetairas, nos teatros, nas termas e nas praias?

Espancai-os e enforcai-os...

Tal é a ideologia predominante da Reacção Fascista.

A Reacção Fascista é uma vasta gamela ao lado duma fôrca. Nesta esperneará o desgraçado que, sendo-lhe recusada a liberdade de se poder alimentar e vestir convenientemente, se permita criticar os actos facinorosos dos que o roubam e reclamar mais um pouquinho de conforto.

Naquela, entre grunhidos de felicidade usurpada, afocinham aplescicamente todos os canais que se apoderam de todos os bens comuns, de tôda a riqueza social monopolizada...

A Reacção Fascista tem este programa: o retôrno rápido e violento à antiguidade, à tirania feudal, ao absolutismo senhorial, à intolerância religiosa, possivelmente às fogueiras do Santo Ofício.

Ao povo compete simplesmente, em obediência cega aos rígidos princípios da carolice

autoritária e dominicana, ter a cozinha nacional em ordem: dar todos os seus farrapos e haveres para a combustão que prepara a comida para os outros; mexer, quase ininterruptamente o caldeiro da sua produção penosa; limpar bem os talheres, esfregar bem a louça, pôr bem a mesa. Depois, à chegada dos seus senhores, à aproximação dos seus carrascos hierárquicos, ao avizinhar dos seus dirigentes graves, deve, humildemente, colocar-se debaixo da mesa, à espreita das migalhas que cáem e dos ossos que lhe atiram, depois de muito chuchados...

Ao fascista, ao endinheirado, ao ladrão da felicidade alheia, compete este serviço, desempenhado por amor à humanidade: entrar na sala social, sacar da faca e do garfo e dar à queixada, mastigando o pão dos trabalhadores, bebendo o sangue dos espoliados...

Repetimos: a política, a economia, a sociedade conservadora, fascista, é esta: ampliar mais a cozinha, uma mesa mais larga e mais comprida, um caldeirão com mais diâmetro e mais altura, uma barriga mais proeminente, um regabofe mais pronunciado e uma, duas, três... meretrizes à ordem...

O proletariado — nem pio. Quando muito, tem este direito: o de encafiar-se no painelão nacional das conveniências oligárquicas dos governantes, dos banqueiros, dos militaristas, dos proprietários, industriais e comerciantes, para adubar bem o alimento dessa corja tenebrosa do parasitismo que leva um povo inteiro à miséria, à dor, ao luto.

Para se chegar à realização agravada de tal política económica e social — é que os conservadores estão forjando o seu golpe insurreccional, é que os governos desta república opereta estão a fazer a maior perseguição aos militantes operários, prendendo-os e espancando-os.

E' um significativo ensaio, contra o qual não bastam as

duras apóstrofes da imprensa revolucionária, nem tampouco as tempestades oratórias dos nossos oradores mais retumbantes.

O que se impõe é a acção popular, proletária, a disposição assente, de à violência, corresponder-se com a violência...

CLEMENTE V. SANTOS.

ELOQUÊNCIA

DE NÚMEROS

Numa revista argentina, encontramos esta significativa notícia:

Quantias pagas pelo erário público ao grupo de deputados socialistas, desde o dia 1 de Maio de 1912 a 30 de setembro de 1918:

Datas	Pesos
De 1-5-912 a 30-4-913 .	360.000
» 1-5-913 a 30-4-914 .	90.000
» 1-5-914 a 30-4-915 .	180.000
» 1-5-915 a 30-4-916 .	165.000
» 1-5-916 a 30-4-917 .	180.000
» 1-5-917 a 30-4-918 .	180.000
» 1-5-918 a 30-9-918 .	52.000
Totál	1.207.000

Em sete anos — acrescenta a revista — os deputados socialistas *comeram* ao tesouro público um milhão, duzentos e sete mil pesos, além dos gastos que a representação implicá. E juntando, agora, o dinheiro que eles receberam dessa data até hoje, a coisa não deve ficar por menos duns três milhões.

Afinal, para que se tem gasto tanta dinheirama com os pseudo-defensores dos *direitos políticos* do operariado? A Argentina é um país que, apesar de ter uma larga representação socialista nas Câmaras, possui leis que repugnam a toda a consciência humana, àquela consciência que não está subordinada ao espírito de seita, de *coterie* ou de religião. E é raro o dia que, ali, não se cometem infâmias, atropelos, arbitrariedades contra os trabalhadores; mas o protesto dessas criaturas nunca se fez sentir eficazmente.

De modo que — concluiu a revista — «estes deputados não passam de figuras decorativas, que recebem aplausos da burguesia e que se apropinquam do tesouro público para encher de dinheiro os bolsos das suas *luzidias* farpelas caras».

A política parlamentar não pode conduzir a outras vias. Disso podem ficar certos, certíssimos, os trabalhadores.

A atitude dos anarquistas em face dos partidos políticos

Relatório ao Congresso Anarquista Internacional

Apresentando esta questão ao nosso próximo Congresso Internacional, fazêmo-lo no intuito dos nossos camaradas procurarem definir quando e como poderemos agir eventualmente de acôrdo com as diferentes fracções do partido socialista e também com os outros partidos que as circunstâncias levem a escolher a via revolucionária, como é precisamente o caso do partido republicano na Itália.

Antes de tudo, convém estabelecer que, a falar a verdade, os anarquistas não constituem um agrupamento político, mas antipolítico. E, com efeito: se «a política é a arte de governar um Estado», nós, que não queremos Estado nem governo, ficamos fora da política. Bacunine dizia «que a nossa tarefa imensa é também, se assim o quiserem, uma obra eminentemente política, mas unicamente no sentido da destruição de toda a política, e da abolição de todos os Estados.» Fazer política positiva, significa fazer estatismo. Assim, repetimos, sendo a idea anárquica a negação de todo o Estado, é uma idea antipolítica, exactamente como a idea ateística, negando todos os Deuses, é uma idea antirreligiosa.

E' precisamente por este facto de opposição nítida de princípios que nós nos sentimos penalizados ao lembrarmos-nos dum entendimento com os partidos políticos. Mas, como seria absurdo pretender ignorar os outros, ou combatê-los todos da mesma forma, sem nenhuma distincção e sem ter, em linha de conta, os dados de facto, a questão da nossa attitude em face dos partidos políticos apresenta-se com um carácter de imperiosidade. Ela não comporta, é certo, os diferentes passos de solução rigorosa e definitiva, mas, muito simplesmente, algumas precisões e direcções que nós procuraremos indicar neste trabalho.

Alguns camaradas denunciavam, como uma traição, toda a tentativa de acção, comum com qualquer organização diferente das nossas. «Saibamos ir à frente — dizem elles —; a nossa audácia impor-se há e nós seremos seguidos.» Em realidade, se os outros agrupa-

mentos mais fortes em número, influência e meios, não nos querem reconhecer, nós seremos apanhados no caminho, e não poderemos senão denunciar amargamente o abandono e mesmo a opposição directa que nos fez dar à costa.

Isto não exclui a possibilidade de, nos momentos psicológicos favoráveis, poder emprender a luta e forçar a mão aos indecisos. A multidão é variável e, com ela, as possibilidades da acção. E' assim que, em quase todas as regiões da Itália, houve, num dado momento, um movimento impetuoso; ora se todos estes movimentos se produzissem em conjunto, teríamos um resultado seguro e certo, muito embora fosse nulo para corresponder aos seus fins, aguentando-se.

A audácia pode desempenhar um grande papel para iniciar um levantamento no local onde se produzir uma forte commoção; mas a sua extensão a outras regiões não se faz tam exponetaneamente como pensam alguns. Para nós, que nos consideramos em estado de insurreição permanente, não haveria a menor hesitação; mas, seria preciso que nós não nos chocássemos com outros grupos, porque excluimos, de antemão, todo o entendimento e cooperação para uma acção geral e directa. Ninguém se pode ater ao isolamento, a não ser que sonhe com uma revolução ideal; mas, aqueles que desejam uma revolução material, sentem-se vivamente preocupados com os inúmeros concursos que possam conseguir.

De aí a necessidade que nos surge de nos entendermos, tanto quanto possível, com todos os indivíduos que se encontram na opposição, mas tendo o cuidado, bem entendido, de não nos prestarmos a aquele jôgo muito conhecido: *sai tú de aí, para eu ocupar o teu logar.*

Entendermo-nos, sim, mas ficando sempre anarquistas. E', assim, que nós não compreendemos nada do procedimento daqueles nossos camaradas que, alternadamente, se entusiasmaram por Zimmerwald, por Kienthal, por Estocolmo, pela Terceira Internacional, pelo Partido Comunista, etc., isto é, por todas as tentativas feitas com

os planos, com as ideas, com os homens e com os fins da velha Socialdemocracia. E tudo isso não mudou a face das coisas; o objectivo dos iniciadores de tudo o que acabamos de descrever é este: conquistar os poderes públicos por meio do boletim de voto, para instaurar, no melhor dos casos, o capitalismo de Estado. De novidade não apresentam senão a admissão da Revolução, mas é para a escamotear por meio da ditadura.

E' inútil insistir sobre a contradição que existe entre um regime soviético e um regime ditatorial. Desde o momento que existe ditadura, quem manda são os ditadores e não os Sovietes que lhe estão subordinados. Ajuntemos de antemão que, mesmo um regime soviético, nós não o consideramos senão como uma tendência para o regime anarquista que nós preconizamos.

Certos camaradas parecem, por assim dizer, constrangidos a ser e a restar simplesmente anarquistas; e, neste caso, os entendimentos preconizados por elles, arriscam-se a prejudicar o anarquismo. Mas isto não é, de nenhum modo, o caso daqueles dentre nós que se sentem bem anarquistas.

Desta forma, todas as vezes que nos encontramos reunidos com outros grupos, sentimos sempre, e cada vez mais, as diferenças e as incompatibilidades que nos separam deles. E não temos, garantimo-lo, o menor desejo de nos confundirmos com esses grupos.

Desde o seu principio, um partido político preocupa-se, sobretudo, com o Estado, reconduzindo a esse Estado tudo o que anda fora dele. Ora o Estado também nos preocupa, mas unicamente pela luta obstinada que é preciso dirigir contra elle. Um partido político jamais quererá estabelecer essa luta, conforme o nosso modo de ver. Para elle, o Estado é, em suma, uma entrada; e a sua luta é dirigida, naturalmente, a favor e não contra essa entrada. E, colocando de parte as personalidades, o partido político é, forçosamente, estatal.

Tomemos um exemplo. Há três anos, constituimos, em Genebra, um comité de acção, saído dos diferentes agrupamentos sindicais. Era no momento da grande vaga do bolxevismo; e os socialistas, embora estivessem dispostos a repudiar esse *Comité* na primeira oportunidade, não ousaram combatê-lo abertamente, para não verem fugir os seus eleitores. Os néo-comunistas, esses sonhavam com a ditadura e

preparavam-se já, para submeter o mundo ao verbo de Moscovia. Nós pensavamos, muito simplesmente, que, com o entusiasmo deste momento, a acção directa das massas seria um facto, e procuravamos, por isso, dar solução aos diferentes casos: *jornada de oito horas, problema de habitação, falta de trabalho (desocupação), carestia da vida, etc., etc.*

¿E que sucedeu? Logo de princípio este *Comité* encontrou-se, não sabemos como, convocado pela alta direcção do Partido socialista. Depois, não se tomaram outras decisões além daquelas de se dirigir às autoridades comunais, cantonais e federais, renovando as clássicas *démarches* junto dos poderes públicos. E quando se pretendeu fazer uma manifestação pública, a massa não respondeu aos nossos desejos: a espera, as decepções e as rivalidades de certos políticos deixaram-na desapontada.

Finalmente, deu-se o que Bakunine tinha previsto. O elemento mais conservador, o mais moderado, o da União dos empregados do Estado e dos «ordenados fixos», tomou a dianteira, absorvendo e subordinando os neo-comunistas da União operária que queriam engulir os outros, mas que foram engulidos por êles! Assim, da Federação operária com carácter federalista e sindicalista de há vinte anos, passamos à União operária centralista e política, onde predominam as profissões, algumas vezes ainda subordinadas ao autoritarismo dos funcionários e dos empregados da União sindical actual.

Entendamo-nos, porém: nós vemos todo o interesse que haveria, sobretudo em seguida a um movimento revolucionário, em podermos contar com todo o pessoal dos serviços públicos do Estado; mas, é preciso não esquecer que este pessoal não deve constituir uma pequena burguesia, nem mesmo que a sua direcção se ressinta da influência burguesa.

Estas reflexões afiguram-se-nos muito necessárias, antes de resumir, assim, o nosso ponto-de-vista:

1.º— Tanto na prática como na teoria, os anarquistas devem ser antiestatais, porque, o que distingue nitidamente a sua acção da acção de todos os partidos políticos, é que êstes procuram, não a destruição, mas o exercício, por sua própria conta, dos poderes do Estado.

2.º— A scisão que se propuziu no seio da Primeira Internacional, dura há mais de cin-

quenta anos; e, do seu princípio até hoje, ainda não houve nenhum acôrdo, porque essa scisão não foi o efeito de rivalidades pessoais, mas sim a consequência duma opposição fundamental de princípios. Ora sôbre a questão da acção política do proletariado, nós restamos fieis à nossa declaração de Saint-Imier, em 1872 (1), declaração que, desde essa data, encontrou a sua confirmação em todos os factos.

3.º— Os acontecimentos, podem, todavia, exigir que a nossa acção seja coordenada, — e jamais subordinada, bem entendido — com a acção dos partidos políticos. E, com efeito; cada vez que os partidos políticos procurem abalar ou derribar o regime existente, nós não podemos senão ajudá-los num sentido radical e definitivo.

4.º— Em todo o acôrdo deve ficar nitidamente estipulado que o entendimento para a cooperação é feito unicamente fora de toda a agitação eleitoral e parlamentar. Os socialistas de todas as nuances pretendem que o boletim de voto não é senão *uno*, mas que não é, de modo algum, o mais importante dos seus meios. Pois muito bem: o entendimento eventual deve-se fazer precisamente para os movimentos extralegais ou ilegais.

5.º— Em nenhum caso deve haver, da nossa parte, qualquer renúncia, embora momentânea, em afirmar o nosso programa integral. E que nós reconhecemos este duplo facto: a) não sendo nós os únicos indivíduos do mundo, somos forçados a reconhecer a acção dos outros; b) que seremos tantos mais, quanto mais repudiarmos o exercício da autoridade, reconhecendo a cada um, uma liberdade como aquela que queremos para nós. E, da mesma forma que podemos participar duma acção grevística, delarada com um fim que não é o nosso, ou até que, sendo-lhe contrária,

(1) O Congresso reunido em Saint-Imier, declara:

1.º— Que a destruição de todo o poder político é o primeiro dever do proletariado;

2.º— Que toda a organização dum poder político, embora chamado provisório e revolucionário para conduzir a esta destruição, não pode ser senão um lôgro a mais, tam perigoso para o proletariado como todos os governos que existem hoje;

3.º— Que, repelindo todo o compromisso com políticos para a realização da Revolução social, os proletários de todos os países devem estabelecer, fora de toda a política burguesa, ou de qualquer outra, a solidriedade da acção revolucionária.

tem em vista protestar contra o patronato — nós podemos também apoiar tal ou qual protesto a título de acção antigovernamental, sem nos atermos à propensão que outros lhe queiram dar.

6.º— A anarquia é muito bela; e tudo demonstra que cada acção tira, sobretudo, a sua força da sua espontaneidade, da sua eclosão e do seu desenvolvimento, mas fora de todo o constrangimento possível — pelo facto de ser a expressão directa e livre das necessidades e das aspirações da massa. Tudo o que não é anárquico é uma alteração ou uma diminuição da vida. A tirania só pode resultar duma situação anormal. E tudo o que é anormal, deve ser combatido.

Em conclusão: em todo o acôrdo que concluamos, não deixemos que lhe dêem o valor da nossa renúncia, antes proclamemos a nossa esperança exclusiva na anarquia. Se tal for a nossa mentalidade, podemos entrar em todas as *ententes*, participando de todos os movimentos de carácter social da massa, sem medo de ser engulidos por quem quer que seja. Com todos os que querem agir, não deve haver relutância; porque o laço mais poderoso é a acção. E este laço só pode perder o seu valor, desde que se reconheça uma autoridade, uma representação — que é uma diminuição, em vez de ser renovado constantemente na liberdade e na vontade de todos.

O GRUPO DE LE RÈVEIL.

Solidariedade Pró Nunes Canha

Transporte	511\$20
Rebebido de Braga por intermédio de Felisberto Baptista	53\$00
Quête tirada pelo Grupo Libertário «Os Rebeldes», de Coimbra:	
Arnaldo S. Januário	5\$00
Afonso de Moura	5\$00
Ant.ª Fer.ª Silva Júnior	5\$00
Alfredo da Silva	5\$00
Ricardo Barbosa	5\$00
Carlos dos Santos	5\$00
Firmino Ferreira Silva	5\$00
António Sequeira	5\$00
João Ferreira	5\$00
Luis Sêrvulo	5\$00
L. do Nascimento	2\$50
João Vieira Alves	2\$50
José da Velha	2\$50
Maças	\$50
Pedro das Neves	1\$00
Costa Júnior	\$50
Soma	59\$50
Para arredondar a conta	\$50
Total	60\$00
A transportar	624\$20

ANTOLOGIA

A lagôsta

Imaginai, por um momento, esta hipótese: uma bela manhã desapareciam todos os trabalhadores dos campos, e não havia quem cultivasse a terra. ¿Que sucederia? Morreríamos todos de fome. Pois o mesmo se daria com as outras profissões: se desaparecessem os sapateiros não havia quem fizesse sapatos; se desaparecessem os pedreiros, os carpinteiros, etc., não havia quem construísse as casas; e se desaparecessem os padeiros, quem manipularia o pão? E assim sucessivamente. Mas, ¿que prejuízo teríamos se desaparecessem os nossos amos — os burgueses, os capitalistas, os industriais, etc? Tinhamos tanto prejuízo como o que teríamos se, dos mares, desaparecesse a lagôsta...

ERRICO MALATESTA.

Cinco contos...

O dinheiro que a Câmara Municipal gasta inutilmente todos os anos, prefaz uma continha calada. A propósito e a despropósito de tudo, aí a temos a contribuir com a massa extorquida aos munícipes, sem que êstes, ao menos, digam da sua justiça.

Numa das últimas sessões do Senado, resolveram os *inlustres* edis retirar cinco contos de reis do cofre municipal, para os dar a um grupo sportivo que vá a Itália disputar o campeonato internacional do remo.

Não sabemos — nem estamos agora dispostos a quebrar a cabeça com a solução dêsse problema — que influência terá, no transporte das batatas por via fluvial, a disputa do referido campeonato; mas quer-nos parecer que a Câmara utilizaria melhor os tais cinco contos, mandando, por exemplo, deitar um pouco de cloreto nos mitórios distantes do centro da cidade que, à falta de comodidades, até servem... de sentinal

Salvo, se aos senadores municipais cheira bem, o que a toda-a-gente cheira mal. E, neste caso, gasta-se, esbanja-se, em inutilidades, o que poderia ser gasto em coisas úteis...

FALTA DE ESPAÇO

Em consequência da falta de espaço, e como somos forçados a dar o jornal pronto à quarta-feira, ficam de fora alguns artigos; que nos desculpem os nossos colaboradores.

LITERATURA

O MINEIRO...

por A. ALVES PEREIRA

I

Ó mineiro, meu irmão!
Tua vida é um calvário...
Tú arrancas o carvão,
Para dar ao milionário!

Não tens casa, não tens pão;
Careces do necessário.
És a presa do vilão,
Passas fome — é teu fadário

Os teus filhos, enfiados,
Trazem vincada no rosto
A dura lei dos forçados...

De madrugada ao sol-posto,
Teus trabalhos arriscados,
Só te produzem desgosto...

II

E és a fonte da riqueza,
Tú, mineiro, heróico e forte...
Não conheces a beleza,
Mas desafias a morte!

Quando desces, com destreza,
Á mina — escura consorte —
Sentes do ar a impureza
E não tremes no teu porte...

Vales mais que um general
Porque és mais preciso à lida
E à sociedade em geral.

Vem p'rá luta decidida:
E com bate o Capital
Se queres mais graça na Vida...

A INFORMAÇÃO

Era meio dia, quando o proprietário Voldirev — alto, gordo, o cabelo cortado à escovinha, os olhos negros — tirou o chapéu, limpou o suor da testa com um lenço de seda e entrou timidamente no tribunal.

Ali não se ouvia senão o ranger de penas sobre o papel.

— Onde posso obter uma informação? — perguntou ao porteiro, que trazia, lá do fundo do tribunal, uma bandeja cheia de copos. — Preciso duma informação — continuou —; e, ao mesmo tempo, necessito duma licença de jornal.

— Faça favor de ir acolá — respondeu o porteiro. É aquele indivíduo que está sentado perto da janela, no extremo, quem lhe pode fornecer o que deseja. Voldirev tossiu e dirigiu-se para o sítio indicado. Ali, numa mesa pintada de verde, suja, manchada, pior que uma estercoaria, estava sentado um homem dos seus trinta e cinco a quarenta anos. O cabelo caía-lhe em madeixas; tinha o nariz enorme, a pele picada das bexigas e vestia um uniforme muito usado. Escrevia apressadamente. Perto da narina direita passeava uma mosca; e ele, a cada momento, alongava o lábio inferior e soprava para o nariz, o que lhe dava à cara uma expressão deveras interessante.

— Posso — arriscou Voldirev, dirigindo-se-lhe — obter aqui umas informações? Eu sou Vol-

direv; e, além dessas informações, careço duma cópia da licença do jornal de dois de Março.

O funcionário molhou a pena no tinteiro e pôs-se a ver se ela teria tinta em excesso. Convencido de que a pena lhe não deixaria cair nenhum borrão, principiou a rabiscar o papel... Estendeu novamente o lábio inferior, mas já não era preciso: a mosca tinha ido instalar-se-lhe na orelha.

— Posso obter aqui uma informação? — repetiu Voldirev ao cabo de alguns minutos. — Sou Voldirev, proprietário rural...

— Ivan Alexeich! — gritou o funcionário sem se fixar em Voldirev. Há-de dizer ao comerciante Yabkiv que tem de legalizar na polícia a cópia da sua declaração.

— Já lhe disse isso mais de mil vezes — respondeu Alexeich.

— Venho aqui por causa da minha demanda com os herdeiros da princesa Gugulina — balbuciu Voldirev. Peço-lhe encarecidamente que me preste uns momentos de atenção.

O funcionário fez que não ouvia. E, de repente, agarrou a mosca que passeava em torno da orelha, examinou-a com atenção e deixou-a fugir.

O proprietário rural tossiu um pouco e associou-se ruidosamente a um lenço de cambraia. Mas foi tudo inútil: ninguém se fixava nele... Decorreram dez minutos em silêncio.

Voldirev tirou, do bolso, uma nota de um rublo e colocou-a diante do funcionário, sobre um livro que ele lia. O funcionário enrugou a testa, atrafu o livro para si e fechou-o.

— Uma pequenina informação — fez Voldirev. Desejava saber porque é que os herdeiros da princesa Gugulina... Permite-me que o distraia um pouco das suas ocupações? — lamuriou Voldirev.

Mas o funcionário, preocupado, levantou-se, coçou os cotovelos e foi buscar um livro ao armário. Depois, regressando à sua mesa, abriu novamente o livro que tinha fechado, sobre a qual estava outra nota de um rublo.

— Apenas um minuto — repetiu Voldirev. Preciso somente duma pequena informação.

Mas o funcionário parecia não o ouvir e continuou a escrever.

Voldirev franziu o sobrececho, olhando desesperadamente para toda aquela quadrilha de escreventes.

— Continuam escrevendo! — suspirou. Continuam escrevendo... Ah! se o diabo os levasse todos juntos!...

Retirou-se da mesa e parou a meio da sala deixando cair desanimadamente os braços.

O porteiro passou novamente com os copos cheios; e, tendo notado a expressão abatida de Voldirev, abeirou-se dele e disse-lhe em voz baixa: — Então? Conseguiu o que queria?

— Não. Não me querem falar.

— Dê três rublos ao funcionário — ciciou o porteiro ao ouvido.

— Já lhe dei dois...

— Dê-lhe mais um — acrescentou o porteiro.

Voldirev voltou à mesa e colocou sobre o livro uma nova nota de um rublo.

O funcionário atraiu o livro para si e começou a folheá-lo repentinamente, como que por casualidade. Depois, ergueu os olhos para Voldirev; o nariz adquiriu um brilho extraordinário, ficando muito encarnado; e, contraindo-se com um sorriso, disparou à queima-roupa:

— Olá, sr. Voldirev! Que deseja?

— Eu — respondeu Voldirev — precisava duma informação sobre um assunto que me traz deveras aprensivo.

— Com muito gosto. É sobre a herança de Gugulina, não é verdade? Perfeitamente... Ora então vamos lá ver isso.

Voldirev explicou detalhadamente aquilo que precisava.

O funcionário animou-se rapidamente, como se fosse presa

dum torvelinho. Deu-lhe todas as informações, ordenou que lhe tirassem a cópia de que ele carecia, ofereceu-lhe uma cadeira... e tudo aquilo foi obra dum momento. Até falou um pouco das próximas colheitas, interessando-se por elas. Ao retirar-se Voldirev, acompanhou-o até à porta de saída, sorrindo-se constantemente para ele, afectando-lhe a mais respeitosa amabilidade. Por uma razão desconhecida, Voldirev sentia-se mal com aquelas atenções; mas, obedecendo a uma instigação, tirou outro rublo do bolso e deu-o ao funcionário. Este, que se inclinava e se sorria, aceitou-o e guardou-o, com a agilidade dum prestidigitador.

— Assim é o mundo! — vinha pensando Voldirev. E, ao sair do tribunal, parou a limpar o suor que lhe escorria da fronte...

ANTON CHEKOV.

CONFERÊNCIA

A convite do Centro Comunista Libertário, do Porto, realizará, brevemente, nesta cidade, uma Conferência pública, o nosso amigo Cristiano de Carvalho.

O local e o dia serão oportunamente anunciados.

Pró-Casa dos

Trabalhadores

É no dia 2 do próximo mês de setembro, que a Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, realiza, pelas 21 horas, no Palácio de Cristal Portuense, um atraente festival.

O produto líquido destinado à construção, no Porto, do grande edifício social, ou Casa dos Trabalhadores.

O programa, é assim concebido:

Surpreendentes iluminações; vistosos fogos de artifício, do ar e aquático.

Concerto pela banda da Guarda Republicana. Junto ao lago tocará ainda uma outra banda de música.

Entrada, 3\$00.

Os bilhetes podem ser requisitados em todos os sindicatos, aos cobradores dos mesmos e nos locais que oportunamente serão anunciados.

Do esforço de todos os operários depende a grande obra que pretende pôr em prática a Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores.

MOSCOU OU BERLIM?

A todos os militantes e não militantes da organização operária; a todos os leitores de A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas

Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.

ERRICO MALATESTA.

Dissemos, no último artigo, que a descoberta das grandes manchas no sol bolchevista, deu origem à mais feroz perseguição movida aos anarquistas e outros revolucionários, que rejeitaram a coleira imposta pelos tirânicos usurpadores do poder russo.

No império moscovita, os processos empregados pelos chefes do partido comunista, são idênticos, senão piores, aos usados pelo governo de Afonso XIII, que há assassinado nas prisões e em plenas ruas os melhores militantes do proletariado espanhol. Se no país vizinho há uma forte variedade de somatenes, na Rússia há uma variedade de Ge-Pe-Ou, encarregada dos serviços políticos do Estado, da extraordinária repressão da contra-revolução, porque a Ge-Pe-Ou é o alargamento da Tcheka...

Não somos nós que o afirmamos, senhores dos 21 pontos, é Alberto Lemoine, delegado francês ao Congresso Constituinte da Internacional Sindical Vermelha, que o garante em resposta condigna, *entre irado e envergonhado*, a Henri Fabre, que nas colunas do *Journal du Peuple* perguntava se é verdade: «que na Rússia a Tcheka substituiu e excede em zelo a antiga Okrana imperial; que a Tcheka é tão feroz e maléfica que o povo russo a abomina ainda mais do que detestava a Okrana, a instituição de polícia e espionagem do antigo regime; que os funcionários da Tcheka são exactamente os mesmos da antiga Okrana»...

Alberto Lemoine confirmou todos os «factos referidos no apêlo de Emma Goldman e de Bertman» a favor de todos os avançados vítimas das atrocidades do governo marxista russo, como eles vítimas são de todos os governos burgueses, republicanos ou monárquicos, que predominam no resto

do mundo. Alberto Lemoine atestou, pois, tudo quanto para a Europa nos vieram dizer Voline, Pestal, Schapiro, Borghi, Mauricius, etc.; tudo quanto disseram os vibrantes apêlos da A. I. T. e o Comité de Defesa Sindicalista de França...

Alberto Lemoine ainda conseguiu de Sérgio Kilbatchiche (Vitor Sérgio) um anarquista que aderira ao partido comunista, tornando-se uma personagem da sua mais absoluta confiança, investida de funções as mais importantes na administração soviética — a seguinte e eloquente confissão a propósito das três categorias de presos, feita numa reunião da delegação francesa e da qual se fez a respectiva acta:

«A 1.ª categoria abrange todos os que combateram ou auxiliaram a oposição pelas armas ao governo dos soviets; na 2.ª estão incluídos os presos por delitos pessoais, insignificantes; e a 3.ª abarca todos os encarcerados arbitrariamente, contra todas as regras da justiça, e aos quais nada absolutamente se pode censurar».

É intuitivo: na 1.ª categoria estão incursos os anarquistas e anarco-sindicalistas que se opozeram, por todas as formas, ao recuo da revolução social, procurando evitar que os conselhos de fábricas e armazens, que os soviets dos operários, camponeses e soldados fôsem impedidos das suas funções directas e de livre iniciativa, fôsem substituídos pela autocracia, pelo centralismo, pelo monopólio, pela ditadura burocrática, militar e tchekista de Lénine, Trotski, Radek e outros conspícuos donos, e czares de todas as Rússias. Na 2.ª categoria devem estar talvez aqueles que supondo-se num país de liberdade, ousaram criticar os defeitos, as arbitrariedades, as traições e os golpes sistemáticos nos verdadeiros prin-

cípios, nas verdadeiras aspirações que animaram o povo moscovita.

«Na Rússia actual é facilimo ser taxado de contra-revolucionário, e é por isso que nos ergástulos russos centenas de milhares de inocentes, de pessoas as mais dignas, são submetidas, moral e fisicamente, a torturas inquisitoriais»...

A livre crítica, a livre imprensa, não existem. O fascismo vermelho é o que predomina com todos os seus terrores, com todos os seus sequeatros, com todas as suas brutalidades, com todas as suas torturas e assassinatos...

Como «a ditadura do proletariado não é sequer a ditadura do partido comunista», mas sim «é a ditadura de um reduzido número de indivíduos, os chefes do partido e o do seu organismo director — a Comissão Extraordinária», agarram-se, «em nome do fortalecimento do seu domínio», «os homens à direita e à esquerda», incluindo comunistas que não levam a sua subordinação, a sua cachorrice ao ponto de admitirem que as casas ordinárias tenham de ser transformadas em prisões e que se construam mais cemitérios para se dar vasão aos que tombam na luta pela liberdade; ao ponto de admitirem que o seu partido considerado o da Revolução torne «a guarda avançada da contra-revolução, o partido da reacção mais abjecta e ignóbil, porque se cobre com a faixa da revolução social»... Todo aquele que não ler, humildemente, pela cartilha dos Loyolas vermelhos da Rússia, é lançado na prisão e aí conservado «durante anos inteiros» sem «processo» nem «instrução»...

Daí os gritos e os apelos dos exilados nos campos de concentração de Kholmogory; daí as torturas infligidas ao anarquista e sindicalista russo Aron Baron, eleito mais uma vez pelo proletariado de Kieff para o seu soviete; daí o fuzilamento da sua companheira e do seu irmão; daí a exigência de centenas de presos de diversas prisões, para que, já que não lhes dão a liberdade, os fuzilem, libertação suprema de tanto inquisitoramento insuportável; numa palavra: daí toda essa resumidíssima *página de sangue* que o nosso modesto semanário vem inserindo nas suas colunas...

A princípio supôz-se que toda epepeia, que toda esta odisseia sangrenta e perseguidora, fôsse exageradíssima, produto de manobras burguesas, de calúnias, fantasias, não só capitalistas,

mas de outros inimigos do bolxevismo. Mas à medida que os factos se fôram aclarando, nós pudemos então descobrir toda a hediondez, toda a furiosa autoridade do governo russo.

Ainda assim, por muito tempo, os comunistas tentaram encobrir o lado selvagem, negro, dos acontecimentos moscovitas, fiados nas flagrantes mentirolas da *Rosta-Wien*, ditada no Krenlim. Mas desde que a *British Labour Delegation* e os artigos de Bertrand Russell, Ransonne, Goode, etc., nos vieram trazer alguma luz, dizendo-nos que só os comunistas categorizados pela disciplina partidária é que «levam uma vida mais feliz do que o resto da comunidade» (que belo comunismo), e que só eles, pelas eleições, é que podem «fazer propaganda por meio da imprensa»; dizendo que a liberdade de falar e de escrever está completamente suprimida; dizendo que o governo russo, como todos os governos, se utiliza da polícia secreta e de todos os espões; dizendo que o Terror «deixou os seus traços na forma dum receio permanente, expresso na fisionomia de todos os indivíduos»; demonstrando que Lénine e os seus correligionários «estão agora a exercer um poder muito maior, a empregar uns processos mais despóticos do que aqueles que empregava o Tirano que eles deitaram a terra»; — desde então a atitude dos comunistas principiou de modificar-se.

Já não sendo possível esconder os factos, acordaram então em justificá-los, como sabem e podem.

E' quando surgem, por exemplo, entre nós os encomendados de Moscovia — primeiro Jesus Ibñez, a seguir, apresentando-se no Congresso Operário Nacional da Covilhã Joaquim Maurin e o nosso Perfeito de Carvalho. Todos três, que traziam o recado estudado de fóra, afirmaram que a Revolução Russa foi obra de bolchevistas e anarquistas. Mas para se desculparem das violências cometidas contra os anarquistas, usaram o mesmo chavão, o mesmo estribilho que os nossos republicanos tem exibido.

«Não, o governo russo, os comunistas, a ditadura do proletariado, não atacam, nem atacaram, os anarquistas, as suas sublimes ideias (que Lénine tinha prometido adoptá-las, auxiliando a sua realização tanto quanto depressa fôsse possível); simplesmente se defendeu, perseguindo-os, prendendo-os, daqueles que se dizem anarquistas mas não o são, porque não aceitaram cargos bolchevis-

tas como muitos outros. Não, o governo russo, o partido comunista, não persegue o operariado, porque deseja a sua libertação, mas apenas reprimiu as conspirações contra-revolucionárias daqueles avançados ou daqueles operários que, em face do perigo Denikine, Yudenitche e Koltchack, se permitiam fazer reclamações fora de toda a oportunidade».

Primeiro, estava a consolidação do escamoteio bolchevista, como entre nós primeiro estava a consolidação do escamoteio republicano em presença da ameaça monárquica. Repelir o inimigo ao mesmo tempo que se continuava a revolução, isso não. Obediência completa e fazer o que o poder central ordenasse. Não se discute, cumpram-se ordens. Quando apareciam recalcitrantes, eram fuzilados, mesmo aqueles que auxiliaram poderosamente a revolução.

Todavia, Lênine, Trotski e seus sequazes, que se desculdavam com a guerra, prometeram, logo que ela terminasse, logo que o perigo estrangeiro

fôsse repellido para bem longe, atender as reclamações feitas pelo proletariado, principalmente pelos operários de Petrogrado.

Rechassadas as forças reaccionárias sustentadas pelo capitalismo europeu; terminadas as intervenções armadas da França e Inglaterra; findo o maior perigo e consolidado o poder do partido comunista, ou melhor: dos seus chefes—¿como foram satisfeitas essas reclamações?

—¿Com o massacre violento, em Cronstadt, de mais de 14 000 homens, militares e civis! ¿Com as mais ferozes perseguições e violências sangrentas sobre o operariado de Petrogrado!

Ora é por estas belezas todas que nos apetece, abraçados aos 21 preopinantes, dar um—viva ao bolchevismo...

¿Porque não, se há toda a liberdade de criticar, de censurar, de protestar contra as manchas de sangue no sol bolchevista—tendo na boca uma rôlha, uma espada sobre a cabeça e o cano duma espingarda apontado ao peito?...

bem ibérico, isto é, a grande Confederação Ibérica dos Trabalhadores.

Não é, completamente razoável aquela tam batida afirmação de que a Revolução Social em Portugal só se poderá fazer, quando a Inglaterra, a América e a França,—os colossos!—a fizerem. A península ibérica é muito bem capaz dum movimento isolado, inicial, embora o triunfo completo da Emancipação humana só seja possível quando a Revolução se faça com qualidades de se estender sem estacionar.

Mas, mesmo pondo de parte a possibilidade dum movimento isolado, a união de todos os trabalhadores da península virá dar mais força, mais amplitude à sua acção e infundir mais respeito aos opressores dos dois países.

Outra vantagem da união dos anarquistas peninsulares, é a facilitação da Internacional Anarquista.

Perante ela, os problemas a resolver sobre a Península, serão de uma solução fácil, dada a cooperação no seu estudo e os resultados obtidos mais acertados,

Os anarquistas, fazendo a sua União Ibérica, propagando entre o povo da península, com abstracção das divisões políticas, o ideal revolucionário, vão aplanar o caminho que conduzirá à União dos proletários de Espanha e Portugal.

Estes são os principais objectivos, para a queda das taboetas históricas e união dos povos.

FRANCISCO QUINTAL.

CORREIO DE "A COMUNA"

AZARUJA—*José A. Marques.* Recebemos 5\$00.

AMÉRICA—*M. Martins.* Recebemos a vossa carta e os 2 dólares indicados, que constam da conta corrente de Julho.

LISBOA—*Adriano Botelho.* Recebemos 10\$00.

AVIZ—*A. A. Bacia.* Recebemos 2\$50.

ALHOS VEDROS—*Ricardo Ribeiro.* Recebemos 5\$00.

MONSANTO—*Avelino Castro.* Recebemos 5\$00.

José Agostinho Neves. Recebemos 4\$00.

GUARDA—*Mário de Oliveira.* Recebemos os 5\$00.

Arroiano, está pago até ao n.º 25.

Vida Anarquista

União Anarquista Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Tem este Comité verificado que a organização local não obedece às resoluções livremente tomadas na Conferência de Alenquer, com prejuízo da propaganda tam necessária neste momento.

Em Lisboa, especialmente, a organização não assenta nos moldes localistas, dando em resultado a dispersão e a esterilidade na acção comprovadamente reconhecida.

Recomendamos, pois, a máxima observância deste princípio para que algo se produza de útil como é mester.

Propaganda, muita propaganda, eis o que falta e a que é necessário obviar sem perda de tempo.

O único órgão anarquista *A Comuna*, como é conhecimento de todos, encontra-se em muito más circunstâncias financeiras, necessitando, para que não desapareça, o auxílio dos anarquistas.

E' um dever mantê-lo, para que a nossa voz se não extinga.

Todos os anarquistas e revolucionários devem abrir subscrições nos locais de trabalho, nos grupos, em toda a parte, enfim, cujo produto reverta em seu favor.

Novamente as autoridades estão fazendo das suas, tripudiando sobre trabalhadores, a pretexto do atentado cometido na Boa Hora.

Torna-se necessário que o proletariado revolucionário se conserve atento e na disposição de opôr à tirania governamental, uma resistência enérgica.

De forma alguma devemos consentir que a liberdade seja tam amesquinhada.

A'lerta, anarquistas! e revolucionários!

As perseguições acintosas não nos devem deixar ficar indiferentes.

O Comité Nacional da U. A. P., pede a todos os organismos revolucionários e anarquistas o envio da sua imprensa.

Correspondência dirigida a J. Pires de Matos, Travessa Agua da Flor, 16-1.º — Lisboa — Portugal.

REFLEXÕES

ANARQUISTAS IBÉRICOS

As vantagens sociais da sua União são tam grandes que devemos pô-la imediatamente em prática.

Fala-se insistentemente na União Anarquista Ibérica. Este facto, consequência feliz da conferência de Alenquer, deve merecer desde já um estudo aturado e profundo.

Depois daquela reunião, que iniciou na questão social portuguesa, uma preponderância que os factos aparentemente não constata mas cuja benéfica influência o futuro, mostrará, é que se começou a falar, cá e lá, da projectada união peninsular.

Uma afinidade completa, tanto sob o ponto de vista geográfico como económico e de costumes, reclama esta União. Não se trata de estabelecer um acôrdo, um simples aperto de mão, mais ou menos convencional e hipócrita, como o fazem os patriotas, mas, fazer desde já abstracção das fronteiras que separam, como se não existissem os dois países, e vendo apenas uma península, um grande país, sobre o qual desenvolveremos a nossa acção.

Que temos nós, que os nossos opressores, por meio de guerras

sanguinolentas e de tratados mais ou menos injustos,—até porque não tinham o direito de o fazer,—tivessem dividido este todo social tam completo em duas nações, que a ambição dos políticos e o interesse dos poderosos, atiraram uma contra a outra, num pretenso ódio de raças? (*)

Nas linhas da fronteira ha povoações dum e outro lado, que se entendem admiravelmente, tendo os mesmos costumes, idêntico vocabulário, celebrem as mesmas festas e trajam quâse da mesma forma.

Não há pois, nada mais natural e fácil, que a efectivação desta União; a forma de propaganda, os pontos de vista serão os mesmos.

Uma parte da acção benéfica dos anarquistas ibéricos (consagrêmos desde já o termo) é a de fazer um proletariado tam-

(*)—E' interessante notar que os patriotas, ao mesmo tempo que alimentam o ódio entre portugueses e espanhóis, pregam a solidariedade dos povos latinos.